

RELATÓRIO DRAGHI SOBRE O FUTURO DA ECONOMIA EUROPEIA.

Setembro de 2024

Colaboração de Jaime Villamueva.

O economista e ex-primeiro-ministro italiano Mario Draghi entregou, na segunda-feira, 9 de setembro, um relatório solicitado pela Comissão Europeia que aponta caminhos para uma Europa mais competitiva. Draghi, que também presidiu o Banco Central Europeu (2011-2019), participou de uma coletiva de imprensa ao lado da presidente da Comissão, Ursula von der Leyen, que o havia encarregado, um ano antes, de diagnosticar a situação da economia europeia e propor possíveis soluções. O ponto de partida dessa potência, que representa 17% do PIB mundial, é sólido. Contudo, nas últimas duas décadas, a UE cresceu mais lentamente que a China e os Estados Unidos. O relatório Draghi, intitulado The future of European competitiveness (“O futuro da competitividade europeia”), se organiza em três áreas de ação para o crescimento econômico: reduzir a defasagem em inovação em relação aos Estados Unidos e à China; estabelecer um plano conjunto de descarbonização e competitividade; e fortalecer a segurança sem depender de terceiros.

A defasagem tecnológica em relação aos EUA e à China:

Em primeiro lugar, a Europa deve reorientar seus esforços coletivos para fechar a lacuna de inovação com os Estados Unidos e a China, especialmente no setor de tecnologias avançadas. De acordo com o documento estratégico, a Europa não carece de talento ou empreendedorismo, mas a

inovação encontra obstáculos para chegar ao mercado. As empresas que querem crescer enfrentam regulamentações restritivas, o que leva muitas a buscar financiamento e expansão nos EUA. Entre 2008 e 2021, cerca de 30% dos “unicórnios” europeus (startups cujas avaliações de mercado superaram 1.000 milhões de dólares) transferiram suas sedes para o exterior, principalmente para os EUA. Em plena revolução da inteligência artificial, Draghi considera que a Europa deve liberar seu potencial inovador e modernizar suas indústrias, ampliando o investimento em P&D e em conectividade. Também é crucial dar aos europeus as habilidades necessárias para se beneficiar dessas tecnologias, garantindo que a inclusão social acompanhe o avanço tecnológico.

Um plano competitivo de descarbonização:

O relatório argumenta que a descarbonização pode ser uma oportunidade para a Europa se acompanhada de um plano coerente, mas a falta de coordenação pode afetar a competitividade dos mercados europeus. Embora os preços da energia tenham

diminuído, as empresas da UE enfrentam preços de eletricidade duas ou três vezes maiores que os dos EUA e preços de gás natural até cinco vezes mais altos. A falta de recursos naturais e os problemas estruturais do mercado energético europeu contribuem para essa diferença de preços, pois as regras do mercado impedem que indústrias e famílias aproveitem plenamente os benefícios da energia limpa. Embora a energia limpa reduza os custos no longo prazo, os combustíveis fósseis continuarão sendo fundamentais no futuro próximo. A Europa enfrenta a concorrência chinesa em tecnologias limpas e, para transformar a descarbonização em fonte de crescimento, será necessário um plano conjunto entre os setores de energia e tecnologia.

Uma Europa mais segura e menos dependente

A segurança é essencial para um ambiente econômico estável, mas a deterioração das relações geopolíticas aumenta a incerteza e limita os investimentos. A Europa depende fortemente de um pequeno grupo de fornecedores de matérias-primas críticas, especialmente da China, enquanto a demanda mundial por esses recursos cresce rapidamente com a transição para energias limpas. A dependência de tecnologia digital importada, como no caso dos chips, cuja produção ocorre em 75-90% na Ásia, agrava essa vulnerabilidade. Para mitigar esses riscos, o relatório defende que a UE implemente rapidamente o Regulamento Matérias-Primas Críticas e desenvolva uma política econômica externa que assegure o abastecimento de recursos essenciais, estimulando também a reciclagem e a inovação em materiais alternativos. Na defesa, a Europa enfrenta desafios semelhantes. Embora seja o segundo maior investidor militar do mundo, a fragmentação de sua indústria de defesa e a falta de interoperabilidade limitam sua capacidade de ação conjunta. Por exemplo, os Estados Unidos operam com um único tipo de tanque de batalha, enquanto a Europa utiliza doze, o que reduz a eficiência. Além disso, o investimento em tecnologia de defesa continua insuficiente para competir com potências como os Estados Unidos e a China. A Europa também perde terreno no setor espacial: o investimento público europeu, de 15 bilhões de dólares em 2023, é significativamente inferior aos 73 bilhões dos EUA, e a China ameaça superá-la nos próximos anos.

As soluções de Draghi

Para financiar essa estratégia, o relatório estima necessário um investimento adicional entre 750.000 e 800.000 milhões de euros por ano na UE, proveniente principalmente do setor privado. Sugere criar um novo fundo respaldado pela impopular dívida comum para financiar projetos de digitalização, sustentabilidade ecológica e defesa. As conclusões do relatório Draghi orientarão o trabalho da Comissão na elaboração de um novo plano de prosperidade sustentável e competitividade, assim como do novo Pacto da Indústria Limpa, a ser publicado nos primeiros cem dias do novo mandato da Comissão Europeia. O documento pede, portanto, que se acelere a inovação e se descubram novos motores de crescimento, que se reduzam os preços da energia junto com a descarbonização da economia e que se enfrente um cenário geopolítico instável, no qual dependências se tornaram vulnerabilidades. Responder a esses desafios como bloco será decisivo para preservar e ampliar a competitividade da União. “Nunca no passado a escala de nossos países pareceu tão pequena e inadequada diante da magnitude dos desafios”, escreveu Draghi. Ele afirmou à imprensa que, sem medidas, a UE terá de comprometer seu bem-estar, seu meio ambiente ou sua liberdade. “Façam isso ou será uma lenta agonia”, disse aos jornalistas.